

Esquetes Teatrais: Questões Intergeracionais em Debate

Área Temática de Cultura

Resumo

O aumento acelerado da população idosa em nosso país demanda das gerações mais novas os conhecimentos necessários aos cuidados com os seus idosos, além de uma preparação para sua própria velhice. O INTERGERA – Programa de Estudos, Eventos e Pesquisas Intergeracionais, do Instituto de Psicologia, foi criado para integrar todas as gerações que convivem na UERJ, através de atividades acadêmicas e culturais. Focalizamos aqui o I Festival Intergeracional de Esquetes Teatrais da UERJ, realizado em 2002. Objetivo: despertar na comunidade interna da UERJ o interesse pelo debate das questões que envolvem as relações intergeracionais. Escolhemos a linguagem teatral dos esquetes pela sua viabilidade em termos de montagem e duração. Os grupos deveriam ser compostos por atores de, pelo menos três gerações, incluindo a terceira idade. Os esquetes foram julgados por cinco jurados da área teatral. Principais resultados: Sete esquetes foram selecionados para a apresentação final. Os temas abordados foram os preconceitos sociais; o abandono; o ciclo vital e as reminiscências Conclusões. A repercussão deste trabalho foi muito boa dentro e fora da Universidade tendo promovido vários debates sobre o tema

Autores

Neusa Batista Eiras: Dr.^a. em Saúde Coletiva, Prof.^a. Adj. do IP/UERJ, Coord. do INTERGERA

Jorge Rodrigues Ayres: Bolsista PROATEC do Programa INTERGERA

Marcella de Melo Silva: Bolsista de Extensão do Programa INTERGERA

Luciana Basílio dos Santos: Bolsista PCP (Programa de Capacitação Profissional)

Luciana Fernandes Paulino: Bolsista PCP (Programa de Capacitação Profissional)

Instituição

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras-chave: intergeracional; velhice; esquetes teatrais

Introdução e objetivo

Discutir as questões que envolvem o envelhecimento do indivíduo e daqueles que o cercam não é tarefa simples. A grande maioria da população, embora já esteja se familiarizando com o envelhecimento do outro, ainda resiste em admitir a sua própria velhice e à necessidade de aprender a conviver tanto com gerações mais novas como com gerações mais velhas.

Na busca por uma linguagem que pudesse trazer tais temas à discussão vislumbramos a possibilidade de mobilizar a sociedade para a reflexão sobre temas tão penosos através da linguagem dinâmica do teatro. O teatro desempenha importante função social, pois: “O palco, ou seja qual for o espaço de representação, estabelece, em nível de razão e emoção, uma reflexão e um diálogo vivo e revelador com a platéia, ou seja qual for o espaço dos espectadores. Incapaz de agir diretamente no processo de transformação social age diretamente sobre os homens, que são os verdadeiros agentes da construção da vida social. (PEIXOTO, 1986, p. 12 – 13)

Nossa preocupação com as questões intergeracionais se justifica pelo aumento da população idosa causada pela diminuição das taxas de natalidade, de mortalidade e pelos avanços tecnológicos. Estes fatores vêm provocando, em nosso país, “uma preocupação por parte dos educadores, dos políticos e dos planejadores de saúde que, até cinco ou seis décadas atrás, existia apenas nos países desenvolvidos” (SOARES, 1997, p. 12), pois, o envelhecimento populacional não exige somente que as gerações mais jovens se preparem para o seu próprio envelhecimento; ela exige, também, que a sociedade se prepare para o convívio cada vez mais prolongado entre as gerações.

Para promover o debate científico sobre esta questão foi criado na UERJ o Programa de Estudos, Eventos e Pesquisas Intergeracionais-INTERGERA. Através de pesquisas, palestras, eventos, orientação de monografias, mostras de vídeo, formação de grupos de reminiscências, projetos e cursos de extensão, contação de histórias e disciplinas eletivas na graduação e na pós-graduação, este Programa visa discutir as principais questões intergeracionais, o processo de envelhecimento, a velhice e a morte.

O INTERGERA trabalha, preferencialmente, com a comunidade interna da UERJ incluindo-se aí alunos, servidores e professores dos vários campi, englobando desde as crianças do Instituto de Aplicação até os idosos que participam dos vários programas para a terceira idade, além dos aposentados (professores e servidores).

Considerando que os preconceitos que envolvem o processo de envelhecimento e a velhice fazem com que as pessoas se afastem do tema: os mais jovens por o considerarem muito longe deles, e os adultos maduros por sentirem a sua proximidade ameaçadora, nosso objetivo foi promover um evento cultural que superasse esta barreira e despertasse, na comunidade interna da UERJ, o interesse pelo debate das questões que envolvem o relacionamento entre as gerações, o processo de envelhecimento, a velhice e a morte, estágio final da evolução do ser humano. A escolha recaiu na realização de um Festival Intergeracional de Esquetes Teatrais que envolveu, não só a comunidade alvo do INTERGERA, mas também, os ex-alunos da UERJ face ao interesse demonstrado por este grupo.

Metodologia

Dentre as várias formas de teatro optamos pela linguagem dos esquetes, tão bem explorada por Arthur Azevedo, por sua viabilidade em termos de montagem e pelo tempo de duração, entre 10 (dez) e 20 (vinte) minutos, o que permitiu a apresentação de vários grupos e a abordagem de temas variados envolvendo o convívio e os conflitos entre as gerações. “O esquete é uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga, aos saltos e insistindo nos momentos engraçados e subversivos. O esquete é, sobretudo, o número de atores do teatro ligeiro que interpretam uma personagem ou uma cena com base em um texto humorístico e satírico, no “music hall”, no cabaré, na televisão ou no “café-teatro”. Seu princípio motor é a sátira, às vezes literária (paródia de um texto conhecido ou de uma pessoa famosa), às vezes grotesca e burlesca (no cinema e na televisão), da vida contemporânea”. (PAVIS, 1999, p. 143).

Elaboramos um “Regulamento de Participação” que foi divulgado na home-page da UERJ; distribuímos filipetas, cartazes e folderes com as principais informações sobre o evento.

Dentre as regras estabelecidas o tema e a participação de pelo menos três gerações em cada esquete, sendo que a terceira idade deveria estar obrigatoriamente presente, foram os pontos inéditos em termos de festivais de teatro. Foram convidados cinco profissionais de Teatro que atuaram como jurados e indicaram o vencedor da melhor montagem e os prêmios de melhor ator, melhor atriz, melhor ator e atriz coadjuvantes, melhor diretor, melhor

cenografia e melhor figurino. Estabelecemos nos dois dias de apresentação um período de quarenta minutos para a divulgação do Programa INTERGERA e debate sobre os temas.

Resultados e discussão

Inscreveram-se doze esquetes dos quais sete foram selecionados para a apresentação final. Dois desses esquetes abordaram a questão dos preconceitos que envolvem as relações amorosas entre pessoas de gerações diferentes. O esquete intitulado “O Bê a Bá de Ser Mulher”, de Mariângela Cantu, mostra a dificuldade de duas filhas, uma adolescente e outra adulta, já com filhos, em aceitar que sua mãe, em fase final do climatério, se envolva emocionalmente com um rapaz de vinte anos.

Em “Conceitos”, de Otávio Castellani, o tema se repete só que neste caso, é um filho já adulto que se depara com seu pai e sua mãe, separados e já idosos, se relacionando com adolescentes, o que é veementemente censurado pelo filho. Ambos os esquetes usaram a comédia como forma de abordar o tema e apresentaram a questão envolvendo faixas etárias extremas. Isso deixa clara a dificuldade das gerações mais novas em lidar com o tema da sexualidade dos idosos de forma séria, principalmente, quando a diferença de idade existe, mesmo que não seja tão grande. A sexualidade humana é tema controvertido e alvo de preconceitos por parte da sociedade, em qualquer faixa etária e, principalmente, no que se refere aos idosos.

Na Grécia antiga, segundo RISMAN (1996), os casamentos eram arranjados segundo os interesses das famílias não existindo casamento por amor. As uniões tinham como meta a legitimação dos filhos, a formação e preservação do patrimônio familiar e uma segurança para a velhice. As idades para o início e o fim das relações sexuais eram determinadas pela sociedade e o ato sexual era primordialmente direcionado para a procriação. Desse modo, os idosos estariam proibidos de executá-lo, uma vez que sua atividade reprodutiva era inexistente.

Encontramos em SOARES (1997) que, no final do império Romano, com o advento do Cristianismo, as relações entre homens e mulheres foi profundamente afetada e as relações sexuais passaram a ser francamente estigmatizadas, uma vez que o prazer físico simbolizava um mal para o espírito. Nessa dicotomia corpo e alma, o amor e o sexo eram vistos como pertencentes a pólos opostos: o primeiro pertencente a Deus e o segundo ao demônio. Nessa perspectiva, o casamento era uma união consentida e abençoada por Deus, que conferia indulgência ao ato sexual, desde que houvesse a intenção da procriação e não do puro prazer.

Novamente constatamos a interdição sexual aos indivíduos idosos que, por sua condição fisiológica estavam, ou eram considerados, impedidos de procriar. No início da Idade Média persistia a repressão sexual generalizada e nessa época a Igreja estipulou que a maioria das relações sexuais eram desviantes e, portanto, consideradas como pecados contra a natureza, destacando-se novamente as relações sexuais entre idosos como condenadas por já não haver mais fertilidade.

Vemos que, durante toda a evolução da humanidade, a sexualidade humana, em geral, foi tratada de modo inadequado. Ao invés de ser vista como possibilidade de trocas afetivas, de realização amorosa e de prazer, foi rotulada como um impulso que deveria ser canalizado com vistas à reprodução, ou simplesmente reprimido.

Desse modo podemos entender o porque da sociedade ainda tratar a sexualidade com tantos preconceitos e tabus. As expectativas da sociedade determinam as atitudes e os sentimentos das pessoas e, no caso da sexualidade dos idosos, isso não poderia ser diferente.

O século XX, que já absorveu o impacto das revelações feitas pela psicanálise sobre a sexualidade infantil, precisa agora refletir e admitir a existência da sexualidade dos idosos, uma vez que esta parcela da população está cada vez maior e vivendo mais. Não é justo que as pessoas se vejam privadas deste prazer durante quase a metade de suas vidas uma vez que

as várias formas de manifestação da sexualidade podem continuar a ser interessantes e estimulantes após os sessenta anos e o afeto e a sensualidade não precisam se deteriorar com a idade. É necessário que tais questões sejam discutidas para evitar que o jovem de hoje ao chegar à velhice, continue agindo de forma a confirmar os estereótipos reforçados por toda uma vida.

“Acontecendo na Era de Aquarius”, de Sílvio Fróes foi um musical que buscou discutir questões ecológicas com a participação das quatro gerações. Apresentou uma integração entre as várias idades valorizando o papel do indivíduo idoso no combate aos problemas da humanidade, demonstrando sua preocupação com as gerações mais jovens e as futuras gerações.

O tema do abandono foi abordado em “A Cigana e a Crente”, de Pedro Murad, e fala de uma menina que foi abandonada pela mãe quando ainda era criança. Agora, adulta, vem com sua própria filha ao encontro de seu passado na tenda de uma cigana que, na realidade, é sua própria mãe, já idosa. Ao longo da “consulta” os segredos se desvendam e as mágoas se dissipam após duras colocações onde pudemos acompanhar o ponto de vista de cada uma e a dor que este distanciamento entre mãe e filha provocou em cada uma ao longo dos anos.

O esquete “Solidão”, de Shirley Cavalcante, fala de um pai viúvo, idoso e doente que se sente abandonado pela mulher, que já morreu, pela filha e pela neta que não lhe dão a atenção e o carinho que ele solicita. Ao longo da cena a impaciência e o desinteresse das duas em compartilhar momentos com o pai/avô são evidentes e caracterizam o que chamamos de “solidão acompanhada”. Os lamentos do idoso se dão quase totalmente através de monólogos nos quais enfatiza a solidão em que vive agora e a saudade que sente da falecida esposa. Tais lamentos só cessam com a sua morte que provoca o desespero e o arrependimento da filha e da neta. Foi o esquete que mais emocionou a platéia, levando-a às lágrimas. O público percebeu, neste roteiro, a morte como uma libertação e a única possibilidade de retorno a uma situação de felicidade uma vez que na cena, utilizando recursos de fumaça, a esposa morta vem “buscar” o idoso que sai “caminhando” embora, em vida, estivesse preso a uma cadeira de rodas. A solidão, nas fases iniciais da vida, não é sentida como sintoma de declínio de status social ou de abandono e desamor; é na velhice que ela é assim percebida e se torna mais difícil de ser suportada, face às dependências de natureza orgânica e emocional que deixam de ser atendidas. O fato do ser humano ser um animal social faz com que a solidão traga consigo um significado de estar separado dos outros, de uma não totalidade, de inadequação. Esse sentimento, próximo a um vazio, surge de tempos em tempos, ao longo da vida e, muitas vezes, não tem suas causas identificadas pelo indivíduo. Este estado, que a psicanálise chama de “solidão interna”, é experimentado por todas as pessoas em distintos níveis de intensidade e frequência e tem como principais características: a sensação de não pertencer a ninguém ou a nenhum grupo; o sofrimento causado pelas repetidas experiências de perdas e reações; um superego exigente e rígido que afasta os relacionamentos e um excessivo ressentimento diante de frustrações.

Segundo a psicanálise, o conceito de “isolamento” está relacionado com o campo objetivo dos contatos sociais, enquanto que o de “solidão” se remete às vivências subjetivas percebidas pelo indivíduo na estrutura das relações sociais. Inúmeros são os casos de pessoas que, em qualquer idade, mesmo estando cercadas de parentes e amigos vivem em constante estado de “solidão interna”. Tais pessoas, ao envelhecerem, terão maiores dificuldades ao se confrontarem com a realidade do empobrecimento do relacionamento interpessoal, causado não só pela morte de seus contemporâneos, mas também pelas doenças que acometem e limitam a autonomia de si próprios e de seus amigos, igualmente idosos, dificultando o contato social entre eles.

Por outro lado, aqueles que sempre se sentiram bem ao estarem a sós consigo mesmos, poderão aproveitar essa fase da vida para mergulhar em um auto-conhecimento e, até mesmo,

sentir um autêntico prazer em tal exercício de reflexão. Infelizmente, a maioria dos idosos de nossa sociedade, não foi estimulada a observar o lado sadio da solidão e passa seus últimos anos tentando preencher a vida com projetos que não são seus, substituindo a preocupação com os filhos ou com o trabalho, que eram legitimamente suas no passado, pela preocupação com netos, por exemplo. As perdas sociais, físicas, psicológicas; os sonhos não realizados; a falta de tempo e de disposição ou de sentimento de adequação para realizá-los; a repressão sexual; a solidão causada pela morte daqueles que caminharam junto com ele, ou o simples afastamento dos filhos e da família, enfim, o somatório de todas essas experiências, pode levar o idoso a uma reflexão de sentido francamente existencial, que pode estar carregada de angústia.

É bem verdade que a angústia de envelhecer é influenciada pela história de vida do indivíduo, pela maneira como enfrentou seus desafios, por seu peculiar momento, tanto biológico como biográfico, e do que ele vislumbra para seu futuro. Segundo FRANÇA (1989, p.76), "à medida que a angústia da ação cede o passo para a angústia da contemplação, as expectativas relacionadas com os objetivos terminais e os limites da própria vida passam ao plano nitidamente consciente do cenário existencial".

Também KUBLER-ROSS (1979), constatou que a visão da morte na terceira idade está fortemente condicionada pelas circunstâncias biográficas pessoais, a residência com familiares ou não, o nível sócio - econômico - cultural e outras variáveis, confirmando assim, que o abandono, ou o sentimento de abandono, que acompanha os idosos asilados é um importante fator, não somente de aceitação da morte como um fato natural e inevitável, mas também como algo esperado e mesmo desejado. Por outro lado, entre os idosos que residem em ambiente familiar ou não, mas que possuem laços familiares como filhos e netos, o desejo de vida se mostra muito mais intenso.

Segundo SKINNER (1985, p.24), a morte é uma realidade em si e não deveria provocar medo; "o que deveria ser temido é o medo da morte porque, por antecipar o final da vida, reduz a possibilidade de vivê-la plenamente". Muitos são os fatores sociais, ambientais, de saúde e de personalidade que influem na maneira de o indivíduo encarar o envelhecimento e a aproximação da morte mas, de modo geral, em nossa sociedade, a consciência da finitude traz consigo um certo sentimento de frustração.

Para TORRES (1996, P.65), "a visão que o homem tem da morte é inequivocamente investida e trabalhada pelas experiências da cultura e da sociedade" e, entre nós, velhice e morte são vivenciadas como uma espécie de fracasso, como lembranças incômodas que pertencem àquela categoria que o filósofo Sartre chama de "irrealizáveis", isto é, incluem experiências que não podemos antecipar e nem imaginar em nós mesmos.

Também Freud já havia chamado a atenção para o caráter inimaginável da nossa própria morte. Segundo este autor, em nosso inconsciente habita a certeza de nossa imortalidade e, quando somos forçados a encarar tal realidade, nossas defesas nos colocam na condição de espectadores de nossa própria morte, o que consiste em continuar negando-a. Esse caráter único e intransferível da morte é que torna difícil a aceitação, tanto do misterioso ato de morrer, como da morte em si.

"O Homem Misterioso", de Rosa Macedo foi o esquete que recebeu "Menção Honrosa" por ter sido escrito, montado e interpretado por idosos com mais de sessenta anos. Não pode concorrer aos prêmios uma vez que não atendeu à norma do regulamento que determina a participação de atores de várias gerações. A autora abordou a questão do ciclo vital utilizando-se de uma narradora para, num processo de reminiscências, falar de nascimento e morte, interpretados no palco.

As reminiscências também foram o tema do esquete vencedor "Acabou o Xampu", de Cynthia Pacheco, que mostra uma idosa conversando com um desconhecido adulto em um banco de praça. Ambos entabulam uma conversa onde encontram pontos comuns de repressão

e autoritarismo de seus pais, chamando a atenção para o conflito entre as gerações. Ao fundo da cena, uma jovem interpreta a mulher idosa em sua juventude. Falam de suas escolhas amorosas, profissionais, enfim, de todo o processo de crescimento em direção à idade adulta. Relembram também as dificuldades para crescerem, adquirirem identidade própria, o sofrimento causado pela morte do pai e a sensação de ter envelhecido sem a certeza de ter feito as melhores escolhas, mas consciente de que não podia mais voltar no tempo para refazê-las.

A prática das reminiscências já é exercida em vários países da Europa e nos Estados Unidos da América mas, no Brasil, ainda está pouco difundida. Consiste num processo de trazer para o presente os fatos que fizeram parte da história de vida das pessoas, buscando reconstruir essas histórias através de narrativas, de fotos e de objetos, buscando estabelecer relações entre o passado e o presente. “Reminiscências – utilizado assim no plural para sugerir processo, conjunto de atividades – é memória, lembranças, aquilo que se conserva na memória. A bem verdade esse processo é mais comum na velhice e até mesmo algumas das histórias que temos para contar são provenientes da fonte de nossos idosos”. (SOUZA (1999, P.17). A prática com reminiscência é um dos mecanismos encontrados para manter a integridade psicológica de indivíduos libertando-os até mesmo de estados depressivos, já que a desvalorização e obsolescência impostas ao idoso levam à diminuição da sua participação em seu meio social. A ausência de estímulos à sua participação costuma gerar tal sentimento de inutilidade e desgosto que se manifestam através de dificuldades psicológicas e orgânicas.

Através desse processo podemos facilitar a transmissão da herança cultural de forma direta e dinâmica, elevação da auto-estima do idoso pela ampliação da oportunidade de contato e reconhecimento social e, em condições controladas por profissional habilitado, promover alívio de ansiedade, culpa, vergonha, ressentimentos e de outros sentimentos negativos acumulados que podem estar relacionados a perdas de oportunidades na vida, perda de papéis e status sociais e outras causas, cumprindo assim uma função terapêutica.

Conclusões

A repercussão deste evento foi muito boa dentro e fora da Universidade e, como desdobramentos, lançamos o II Festival Intergeracional de Esquetes Teatrais da UERJ para 2004/2005, além de um Festival Intergeracional de Contos e Poesias já em pleno desenvolvimento.

Os esquetes teatrais apresentados têm servido como tema de discussão em sala de aula de graduação e de pós-graduação e esta proposta do Festival Intergeracional de Esquetes Teatrais tem sido apresentada em eventos científicos e publicada em anais e revistas, o que consideramos altamente positivo pois acreditamos que projetos intergeracionais envolvendo atividades artísticas e culturais se, constituem numa forma agradável de abordar tais temas tornando-se, assim, um dos espaços mais adequados para o estabelecimento de troca entre as gerações, para a reflexão dos aspectos positivos da longevidade, para desenvolver nas crianças imagens de identificação e afastar dos jovens o medo da velhice.

Referências bibliográficas

- FRANÇA, L. e SOARES, N. E. A Importância das relações Intergeracionais na Quebra de Preconceitos sobre a Velhice In: RELUME DURAMÁ. Terceira Idade – Desafios para o Terceiro Milênio. Rio de Janeiro, 1997. 192 p.’
- KUBLER-ROSS, E. Perguntas e respostas sobre a morte e morrer. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1979. 176 p.
- LEHR, U. Psicologia de la Senectud. Barcelona/Espanha: Herder, 1980. 432 p.
- PAVIS, P. Dicionário de Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999. 389 p.
- PEIXOTO, F. O que é o Teatro. São Paulo: Brasiliense, 1986. 126 p.

RISMAN, A. A Carruagem da Saudade: seremos todos passageiros? O Percurso da Sexualidade na Terceira Idade. 1996. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Departamento de Psicologia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1996.

SKINNER, B.F. e VAUGHAN, M. E. Viva bem a velhice: aprendendo a programar sua vida. São Paulo: Summus Editorial, 1985. 141 p.

SOARES, N. E.. A Velhice e suas Representações Sociais em Instituições Públicas de Saúde. 1997. 142 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

SOUZA, E. Reminiscências integrando gerações. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. 85 p.

TORRES, W. Consciência da Finitude e a Possibilidade da Morte. Arquivos de Geriatria. e Gerontologia, Rio de Janeiro, v.1, p 165-166. 1996.